

UM OLHAR LEXICOGRÁFICO COMPARATIVO DA CATEGORIA DE ADVÉRBIOS DE TEMPO EM LIBRAS¹

Carlos Antonio de Sousa Júnior²

RESUMO

Este artigo visa apresentar uma análise da variação diacrônica da Libras, a fim de compreender as transformações no léxico dessa língua, identificando as mudanças e permanências no léxico ao longo do tempo e as influências sociais e culturais na seleção e organização das entradas lexicais. Para isto, realizamos um estudo comparativo diacrônico de oito sinais utilizados na categoria advérbios no ano de 1875 e os mesmos sinais utilizados atualmente, considerando a influência do tempo no léxico da língua entre o século XIX e nossos dias. Este estudo pretende dar *insights* valiosos sobre a evolução da Libras, em destaque as mudanças e permanências dos sinais, que poderá servir como um aprofundamento etimológico dos sinais. Os resultados apontam que houveram grandes mudanças nos verbetes catalogados na categoria advérbios por Gama (1875) e que a Libras se mantém em movimento diacrônico com mudanças e variações.

Palavras-chave: Variação diacrônica; Lexicografia; Libras; Advérbio.

RÉSUMÉ

Cet article vise à présenter une analyse de la variation diachronique des Libras, afin de comprendre les transformations du lexique de cette langue, en identifiant les changements et la permanence du lexique au fil du temps et les influences sociales et culturelles sur la sélection et l'organisation du lexique. entrées. Pour cela, nous avons réalisé une étude comparative diachronique de 8 signes utilisés dans la catégorie des adverbes en 1875 et des mêmes signes utilisés aujourd'hui, en considérant l'influence du temps sur le lexique de la langue entre 1875 et aujourd'hui. Cette étude vise à fournir des informations précieuses sur l'évolution des Libras, en mettant en évidence les changements et la permanence des signes, qui pourraient servir d'exploration étymologique future des signes. Les résultats indiquent qu'il y a eu des changements majeurs dans les entrées cataloguées dans la catégorie des adverbes par Gama (1875) et que les Libras restent en mouvement diachronique avec des changements et des variations.

Mots-cles: Variation diachronique ; Libras; Lexicographie; Les adverbes.

1 INTRODUÇÃO

Cada país tem sua língua de sinais. No Brasil, a língua de sinais falada pelos surdos é a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Ao contrário das línguas orais que têm como canal de expressão e recepção a boca e o ouvido (comunicação oral-auditiva), em Libras, isso se dá através das mãos, expressões faciais e corporais e a visão (comunicação viso-espacial). A Libras tem um papel importante na vida do sujeito surdo, uma vez que as línguas de sinais e as línguas orais coexistem no mesmo espaço territorial.

¹ Trabalho desenvolvido sob orientação do professor Vicente de Lima Neto, lotado no Departamento de Linguagens e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Doutor em Linguística pelo Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. E-mail: vicente.neto@ufersa.edu.br.

² Graduando em Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: carlos.sousa@ufersa.edu.br.

Sendo Libras uma língua natural, há nela características próprias de uma língua, como as variações e as mudanças linguísticas.

A língua está em constante modificação, tendo em vista que seus falantes procuram novas expressões para se comunicarem de forma mais efetiva. Vamos aqui tratar da variação diacrônica ocorrida na Libras na categoria de advérbios encontrados no dicionário de Gama (1875) como resultado da passagem do tempo e das intervenções de seus usuários. Para isso, realizaremos um estudo comparativo diacrônico de oito sinais na categoria advérbios utilizados no ano de 1875 e os mesmos utilizados atualmente. Utilizaremos o dicionário *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* de Flausino José da Gama (idem), para identificar os sinais que sofreram mudanças e permanências na estrutura e uso de alguns sinais. Analisaremos a importância do registro e documentação dos sinais em Libras, a fim de compreender a importância da preservação e documentação dos sinais em Libras e como isso pode ajudar na compreensão e desenvolvimento da língua de sinais.

Com a oficialização da Libras em 2002, houve um aumento significativo no interesse pelo estudo e pela sistematização lexicográfica da língua. Como resultado, diversos dicionários foram produzidos nas últimas décadas, como o de Araújo (2004), o de Barreto (2002), Albuquerque & Karnopp (2012) e Capovilla (2017), buscando contemplar a diversidade lexical da Libras e a sua relação com a cultura surda. Assim, um estudo diacrônico lexicográfico que compare o dicionário de Gama com os dicionários atuais pode contribuir para a compreensão da evolução da Libras, identificando as mudanças e permanências no léxico ao longo do tempo e as influências sociais e culturais na seleção e organização das entradas lexicais.

Além disso, este estudo pode fornecer informações valiosas para a elaboração de novos recursos lexicográficos que atendam às necessidades dos usuários da Libras, bem como para o desenvolvimento de estratégias de ensino e aprendizagem mais eficazes. O estudo diacrônico lexicográfico da Língua Brasileira de Sinais (Libras) é fundamental para a compreensão da evolução e do desenvolvimento lexical dessa língua ao longo do tempo.

A motivação para este estudo, além de acadêmica, também é pessoal, tendo em vista que sou tradutor intérprete de Libras há mais de 21 anos e posso afirmar que, durante este período, eu pude experienciar mudanças de léxicos e variações seja por motivação interna ou por influência de outras línguas, mesmo em um espaço de tempo tão curto. De forma pessoal, tenho convivido com a comunidade surda e, no ambiente profissional, é importante entender o funcionamento dessas variações e mudanças ao longo do tempo, para desenvolver cada vez melhor o meu ofício.

Este trabalho está dividido em quatro partes, além destas considerações iniciais: uma subseção teórica, onde discuto os conceitos de diacronia e lexicografia; uma subseção metodológica, em que apresento o *corpus* e os procedimentos; e uma subseção analítica, onde arregimento e discuto os meus dados e, por fim, as considerações finais.

2 OS ESTUDOS LEXICOGRÁFICOS E A LIBRAS

O caminho tomado pela pesquisa tem a visão da Lexicografia, no entanto, para uma melhor compreensão da área, trazemos os conceitos que tratam deste campo da Linguística e assim podemos ter consciência dos termos utilizados no desenvolvimento desta obra.

Afinal o que é o léxico? O que é Lexicografia? Aqui, entendemos a lexicografia como o “registro escrito das palavras na forma de dicionários” Martins, (2017, p.15). Os estudos da lexicografia tiveram início com os filólogos ou gramáticos que tinham

preocupação com os entendimentos dos textos literários antigos. A exemplo disso, os filólogos alexandrinos catalogaram léxicos e glossários para uma melhor compreensão dos textos homéricos de acordo com Biderman (1984) e tem repercussão em todas as línguas naturais. Entendemos aqui o léxico como “a palavra”, tradução derivada da palavra grega *léxiôn*, como descrito por Martins (2007), no entanto, a língua que estamos analisando é de modalidade viso-espacial fazendo com que seus léxicos tenham como particularidade uma composição diferente. Logo, o léxico aqui é o sinal.

Quando falamos da Libras, tem-se a primeira publicação de um dicionário dessa língua ainda em 1875, intitulado dicionário *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* de Flausino Gama (1875), sendo considerado um marco na história, pois representou a primeira tentativa de sistematização e registro lexicográfico dessa língua. No entanto, o dicionário foi produzido em uma época em que a Libras ainda era marginalizada e pouco valorizada pela sociedade, o que pode ter influenciado na seleção e organização das entradas lexicais.

No Brasil, trabalhos como o de Capovilla *et al.* (2007), Salviano (2020) e Martins e Capovilla (2018) se voltam para os estudos da lexicografia da Libras, fortalecendo os conhecimentos dessa língua, formalizando os léxicos no uso, deixando um legado para os novos estudos linguísticos.

A tomada desses estudos coopera para uma visibilidade linguística, trazendo à tona a Libras como objeto de estudo, viabilizando oportunidades de arcabouços teóricos que irão fomentar registros da língua com todo aparato necessário para sua permanência em anais científicos.

Convido o leitor a (re)descobrir como surgiram alguns dos sinais que usamos, como a Libras evoluiu para nossos dias neste recorte temporal e linguístico, ajustando a lupa para os advérbios, com o fim de fazer uma esquematização comparativa.

2.1 Os estudos em dicionários

A importância da criação do dicionário de Gama (1875) é indiscutível, nesta obra produzida em um período de afirmação da língua de sinais em meio a uma comunidade majoritária ouvinte de língua oral. Nesse aspecto documental para fins de preservação, compreensão de funcionamento da própria língua de sinais se faz necessário abordar os conteúdos e trazer as particularidades do sistema linguístico com seus signos visuais em sua totalidade.

Vendo então essa necessidade alguns pesquisadores passaram então a se voltar para os estudos do dicionário de Gama (1875), assim como acontece com os dicionários de línguas orais, as pesquisas devem se ater à uma macrovisão da obra, como as influências de outras línguas, o sujeito que o produziu, e técnicas que foram utilizadas para a produção.

Trazemos aqui como referência deste trabalho as autoras Sofiato e Reily (2012) que em sua pesquisa tem por objetivo trazer à tona particularidades do dicionário de Gama (1875). O trabalho feito por essas pesquisadoras nos ajuda a compreender a origem do dicionário de Gama (1875), sua trajetória como aluno e nos mostra a influência que o autor teve pela obra do surdo francês Pierre Pélissier de 1856, que nos traz a história factual da compilação dos sinais perpetuados no primeiro dicionário, além de nos encaminhar suas perspectivas para os sinais ilustrados.

Assim o trabalho produzido pelas pesquisadoras preocupa-se com a constituição do dicionário de Gama e Pélissier, mostrando que se entrelaçam, contextualizando a história da educação dos surdos e a indexação lexicais que compõem os dicionários daquele período. A este respeito, podemos verificar que muitas entradas lexicais

apontadas por Gama (1875) de fato, baseiam-se na língua francesa de sinais e que, ao longo do tempo, ganhou novas formas na comunidade surda brasileira, o que nos motiva a aferir essas mudanças e variações.

2.2 Diacronia, Mudança e Variação

2.2.1 Diacronia

Dispomos do significado da palavra Diacronia do grego *diá*, “que se traduz como “através”, + *krónus* que se traduz como “tempo” de acordo com a revista eletrônica Resumo Só Escola (SOESCOLA,2024). Logo, em sua base etimológica, a linguística irá estudar a evolução da língua através do tempo.

A linguagem é um fenômeno de constante transformações, moldadas pelas interações complexas dentro da sociedade, de forma cultural e histórica. Nessa contextualização, a diacronia surge como uma lente de alcance poderosa para nosso entendimento e compreensão da natureza mutável das línguas orais ou visuais ao longo do tempo.

É imprescindível ressaltarmos que a diacronia não se dispõe apenas à descrição das mudanças linguísticas; ela também visa compreender os mecanismos subjacentes a essas transformações.

Muitos autores descrevem e exploram a diacronia linguística, mas estes estudos começam a ganhar forma e força por quem é considerado pai da linguística, Ferdinand Saussure (1857-1913), um linguista suíço do final do século XIX e começo do século XX. Sua obra, publicada postumamente em 1916 o Curso de Linguística Geral (CLG), é base dos estudos linguísticos de natureza formalista. Entretanto, outras abordagens surgiram, até chegar aos conceitos que foram nomeados de mudança e variação linguísticas.

2.2.2 Mudança e Variação

Os conceitos de mudança linguística e variação linguística são distintas: as mudanças linguísticas estão diretamente ligadas à contínua evolução da língua seja oral ou de sinais no decorrer dos anos, explicitamente trata-se do processo diacrônico. No entanto diverge da variação linguística que em sua natureza ocorre no processo sincrônico da língua como podemos observar nos estudos de Saussure (1916).

Tais mudanças são preocupações para o pesquisador que deseja entender o mecanismo da língua em seu funcionamento, ou seja, seu corpus de pesquisa está intrinsecamente ligado às comunidades falantes da língua estudada.

Toda língua falada ou sinalizada irá possuir em sua característica as mudanças linguísticas, pois é viva, no entanto, essas transformações podem ocorrer sem um julgamento de que a mesma se tornou mais difícil ou mais fácil de ser aprendida. O uso constante de novas entradas lexicais transforma de maneira natural o sistema linguístico, concebendo que as interações sociais demarcam o novo signo como apropriado para indexação passiva de uso.

O princípio esclarecido por Labov (1972; 1982; 1984) para a variação linguística nos ajudar a entender bem a diferença que acontece com a mudança linguística, nesse sentido afirma que:

[...] os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica

necessariamente mudança em curso. (Labov, 1972; 1982; 1984 *apud* Moura, 2015, p. 161).

Assim percebemos que as mudanças das entradas lexicais são fenômenos ligados aos padrões de comportamentos da sociedade no período de tempo em que ela estiver, mas, dependendo de outros fatores extralinguísticos, poderá acarretar em variações. Com esse entendimento, vamos vislumbrar os fatos inerentes à Libras com a história e seus marcos.

No contexto em que estamos abordando nesta pesquisa, observamos uma significativa evolução da língua ligada ao tempo, nesse processo diacrônico houve naturalmente a necessidade de novas terminologias que vieram a surgir pelo uso dos indivíduos.

É notória a influência da língua de sinais francesa em virtude do primeiro professor surdo E. Huet, co-fundador do Colégio Nacional para Surdos-Mudos, ser de nacionalidade francesa, além disso, o dicionário Gama também teve influência francesa no dicionário pelo acervo trazido por E. Huet conforme observado por Sofiato e Reily (2012).

A instituição recebia surdos de todo o território nacional, então, os sujeitos surdos que frequentavam o espaço escolar carregavam consigo culturas de seus espaços sociais, como o familiar. O aprendizado dos sinais acontecia pela repetição dos sinais, e é interessante pensar que as perspectivas dos sujeitos influenciaram a reprodução por outros que aprendiam pelos que retornavam aos seus lares e assim as comunidades surdas receberam e adaptaram as suas realidades os novos signos visuais.

Esse cenário de transmissão da língua de sinais, vivida até os dias atuais, são comprovações de uma língua viva e que se adapta à realidade de seu usuário. Neste sentido, concordamos que nossa língua de sinais “passa de mão e adquire novos sotaques, empresta e incorpora novos sinais, mescla-se com outras línguas em contato, adquire novas roupagens” Gesser (2010, p. 40-41).

Em suma, entendemos a variação linguística como um processo sincrônico da língua, ou seja, várias formas diferentes de um mesmo signo linguístico sendo produzidas no mesmo espaço de tempo por uma comunidade falante, enquanto mudança linguística como um movimento diacrônico do signo linguístico em uma língua, que se desconecta do signo anterior no decorrer dos anos.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Nossa pesquisa é do tipo documental, pois tem como característica a pesquisa em documentos sem tratamento analítico como o próprio dicionário de Gama (1875). Essa perspectiva condiz com o pensamento de Fonseca (2002) que nos diz:

[...] A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (Fonseca, 2002, p. 32).

As análises partiram do dicionário de José Flausino da Gama (1875) e do Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais de Fernando Capovilla *et al.* (2017).

O método comparativo torna-se uma ferramenta indispensável para a produção de ciências sociais, pois permite nos debruçar sobre fenômenos inerentes à sistematização dos objetos a serem comparados. Nos é permitido analisar detalhadamente as diferenças e similaridades em seus contextos sociais e culturais do mesmo povo, mas em épocas diferentes. É possível afirmar que essa abordagem é especialmente valiosa para estudar grandes grupamentos sociais, que podem estar separados geográfica e temporalmente.

A respeito dos estudos comparativos, nos embasamos em Gil (2008), que nos explana:

O método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles. Sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo Métodos das Ciências Sociais comparativo de grandes grupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo. Assim é que podem ser realizados estudos comparando diferentes culturas ou sistemas políticos. Podem também ser efetivadas pesquisas envolvendo padrões de comportamento familiar ou religioso de épocas diferentes. (Gil, 2008, p.16).

Sua aplicação abrangente nas ciências sociais é justificada pela sua capacidade de facilitar estudos comparativos em larga escala. Ao transcender barreiras geográficas e temporais, o método comparativo permite investigações que contrastam culturas, sistemas políticos e padrões de comportamento ao longo do tempo e em diferentes contextos. Essa amplitude de análise oferece insights profundos sobre a evolução e as dinâmicas sociais, fornecendo uma base sólida para compreender as complexidades da sociedade humana.

3.2 Corpus

Nosso corpus será constituído pelas entradas lexicais dos advérbios presentes no Dicionário de Gama (1875) (doravante D1) e pelas mesmas entradas no Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais de Fernando Capovilla *et al.* (2017) (Doravante D2). Enumeramos oito de 23 advérbios no D1, constantes na estampa 17 e os correspondentes nos advérbios em D2 nas páginas de pesquisa do dicionário. Sendo estes:

Figura 1. Advérbios no dicionário Gama.



Fonte: Gama (1875, estampa 17)

A nomenclatura que usamos para as páginas do dicionário de Gama (1875) é a mesma que consta na publicação original. O trabalho feito por Gama é uma obra feita por litografia³. Segundo Turazzi (2009), a terminologia Estampa⁴ veio a ser utilizada a partir do século XIX e faziam menção a tudo aquilo que eram imagens produzidas por meios técnicos dentro deles a litografia.

Para contrastar o dicionário de Gama (1875), trouxemos o Dicionário de Capovilla (2017) com as mesmas entradas lexicais respectivamente aos sinais. O dicionário de Capovilla (2017) é a mais completa catalogação atual dos sinais de Libras com suas variações no nosso país, nos possibilitando contato com os mais diversos sinais utilizados pela comunidade surda brasileira.

3.3 Procedimentos metodológicos

Para este estudo, utilizaremos dois dicionários sendo eles: o dicionário denominado *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de 1875; e o Novo *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais* de Fernando Capovilla *et al.* (2017). Faremos então a análise comparativa dos sinais relativos aos advérbios catalogados no dicionário de Antonio Flausino de Gama (1875).

Levamos em consideração o contexto de cada obra referente ao tempo em que foram produzidos e a necessidade de cada um no quesito lexical. Para cada sinal analisado em ambas as obras faremos uma transcrição geral da composição do sinal, levando em consideração os parâmetros descritos nas obras, como tipo de expressão facial e corporal.

Registramos todas as mudanças ou permanências dos sinais adverbiais selecionados para esta pesquisa. As imagens estarão dispostas primeiramente separadas com a devida descrição e após realocamos as imagens lado a lado com as inferências relativas analisadas.

Para atingir nosso objetivo, faremos as descrições das imagens usando os seguintes itens: Gênero: masculino ou feminino; Aparência: criança, jovem, adulto ou idoso; Expressões faciais: olhos abertos, olhos fechados, sobrancelhas levantadas, sobrancelhas cerradas; Movimento: circular, semicircular, retilíneo, helicoidal, zig zag ou sem movimento.

4 ESTUDO COMPARATIVO DO LÉXICO DA LIBRAS ENTRE SÉCULO XIX E XXI

Para a análise, trazemos as dezesseis entradas lexicais dos dicionários comparados, oito de Gama (1875) e oito de 23 de Capovilla *et al.* (2017). Começamos pelo primeiro verbete “Dia”:

Figura 2: Advérbio no dicionário Gama.

 Fig. 1.—Levantando a cabeça.	Verbete: dia Gênero: masculino Aparência: jovem Expressões Faciais: neutra Movimento: semicircular
--	---

Fonte: Gama (1875, estampa 17)

³ A litografia consiste em um processo de impressão que é feito a partir da utilização de uma matriz de pedra polida com uma imagem pressionada contra o papel.

⁴ Estampa é o conjunto de imagens gravadas na mesma folhagem pela técnica de litografia

O sinal possui uma configuração de mãos abertas, porém não conseguimos visualizar com qual configuração pertence a qualquer tabela. O sinal faz menção ao ato de acordar, interessante perceber que a posição inicial do sinal se refere à forma de dormir de braços cruzados. Assim o verbete manhã está ligado a descruzar os braços, ou seja, pode possuir a conotação de acordar também.

Na estampa seguinte, segue um pequeno texto que instrui o leitor a proceder com o sinal erguendo sua cabeça, apesar de a ilustração não carregar nenhuma indicação desse procedimento.

Seguimos para Capovilla (2017):

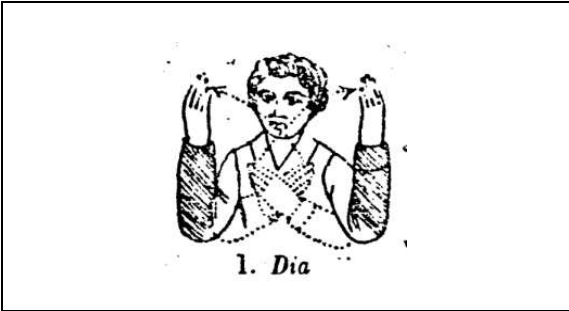
Figura 3. Advérbio no dicionário Capovilla.

 dia (3) (data) (sinal usado em: SP, PR, CE, BA) (inglês: <i>day</i> (for dates)) s. m. Época. Circunstância. Data. Ex.: Meu aniversário é no dia 4 de abril; o dela é no dia 9 de julho. (Soletrar D, I, A) dia (4) (período) (sinal usado em: SP, MS, CE, MG, DF, RS) (inglês: <i>day, daytime, daylight</i> (period)) s. m. Tempo que decorre desde o nascer ao pôr do Sol. Claridade que o Sol dá à Terra. Ex.: Hoje será um lindo e longo dia! (Mão em D, palma para a esquerda em frente ao ombro esquerdo. Mover a mão em um arco vertical para a direita (sentido horário).)	Verbetes: dia Gênero: masculino Aparência: jovem Expressões Faciais: neutra Movimento: semi circular
---	---

Fonte: Capovilla (2017, p.735).

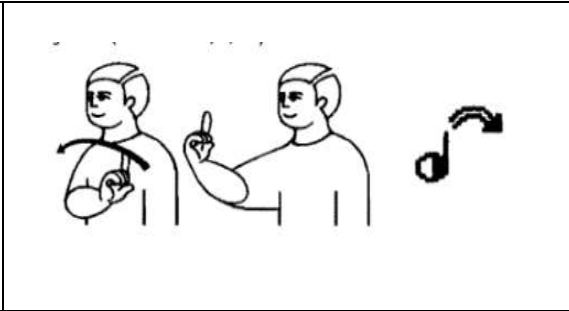
O sinal possui uma configuração de mãos em D e no próprio dicionário há descrição do movimento que orienta o leitor a mover-se, nesse sinal, da esquerda para direita, fazendo um arco com as mãos na posição que lhes é indicado. Na imagem, além da execução do sinal, vemos uma figura de paisagem trazendo atenção ao movimento do sol em todo período do dia, ao nascer e ao se pôr. O dicionário dá exemplos de frases na língua portuguesa e em que regiões ocorre essa variação do sinal dia, como o caso dos estados do Paraná e Rio de Janeiro que difere do sinal usado nos estados de São Paulo, Ceará, Santa Catarina e Rio Grande do Sul

Figura 4: Advérbio no dicionário Gama



Fonte: Gama (1875, estampa 17)

Figura 5: Advérbio no dicionário Capovilla



Fonte: Capovilla (2017, p.735)

O sinal sofreu modificações no quesito configuração de mãos, possuem paridade no mesmo movimento semicircular, no entanto, podemos aferir que as motivações por trás dos sinais não são as mesmas. Na figura de nº 04 de Gama (1875), o sinal marca a iconicidade do movimento de acordar a alusão feita pelo movimento de descruzar os braços vindo do peito, este sinal é usado na língua francesa de sinais. Enquanto na figura nº5 de Capovilla (2017), o sinal tem como iconicidade o direcionamento do nascer e pôr do sol.

Aqui percebemos que, no decorrer dos anos, o sinal usado por Gama (1975) ganhou uma nova roupagem, mas não deixou de existir, enquanto o sinal catalogado por Capovilla é usual nos nossos dias.

Dando seguimento, partiremos para o verbete “Manhã”:

Figura 6: Advérbio no dicionário Gama.

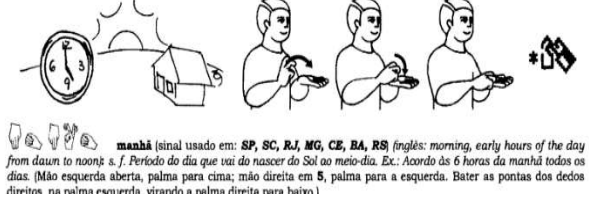
 Fig. 2. —Abaixando a cabeça com os olhos fechados.	Verbetes: manhã Gênero: oculto no dicionário Aparência: oculto no dicionário Expressões Faciais: cabeça baixa e olhos fechados Movimento: retilíneo
---	--

Fonte: Gama (1875, estampa 17)

O sinal manhã grafado por Gama nesta figura não possui a imagem representativa de um rosto, no entanto, a legenda produzida por ele induz ao leitor que baixe a cabeça e feche os olhos. Buscamos intencionalidade nesse sinal, reproduzindo, percebemos que pode fazer alusão à incidência dos raios solares no rosto.

Veremos como Capovilla (2017) descreve o mesmo verbete:

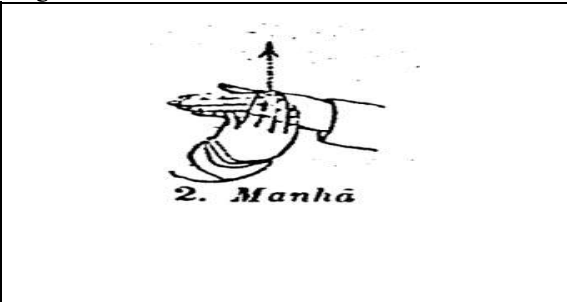
Figura 7. Advérbio no dicionário Capovilla.

 manhã (sinal usado em: SP, SC, RJ, MG, CE, BA, RS) (inglês: morning, early hours of the day from dawn to noon; s. f. Período do dia que vai do nascer do Sol ao meio-dia. Ex.: Acordo às 6 horas da manhã todos os dias. (Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita em 5, palma para a esquerda. Bater as pontas dos dedos direitos na palma esquerda virando a palma direita para baixo.)	Verbetes : Manhã Gênero: Masculino Aparência: jovem Expressões Faciais: neutra Movimento: semi-circular
--	--

Fonte: Capovilla (2017)

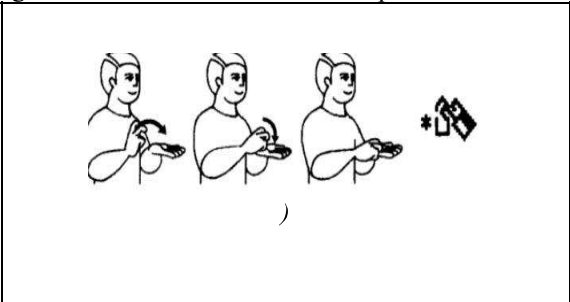
O dicionário descreve o sinal com a configuração de mãos em 5, enquanto que a outra mão se mantém espalmada para cima. A direita, em forma do numeral 5, deve tocar e levantar para o ponto inicial. A motivação pode estar relacionada ao classificador de pessoa levantado, que se faz o movimento similar descrito por Capovilla neste verbete. Representa o ato de levantar após uma noite de sono no período da manhã. Vejamos comparativamente:

Figura 8. Advérbio no dicionário Gama



Fonte: Gama (1875, estampa 17)

Figura 9. Advérbio no dicionário Capovilla



Fonte: Capovilla (2017, p.1447)

As imagens descritas pelos autores possuem uma diferença tanto no formato das mãos como nas expressões associadas. Na imagem produzida por Gama (1875), apesar de o sinal ter uma iconicidade na explicação, verificamos que tem procedência na língua francesa. Trata-se de um sinal em desuso nos dias atuais e não tem sido contado como variação. Eis um indicativo aqui de mudança, portanto.

No caso do sinal catalogado por Capovilla é visto como variação em estados do país tendo mudanças apenas no movimento em alguns lugares o sinal fica parado no toque da mão e em outros volta para a posição inicial.

Verificaremos agora o verbete “Meio-dia”:

Figura 10. Advérbio no dicionário Gama.

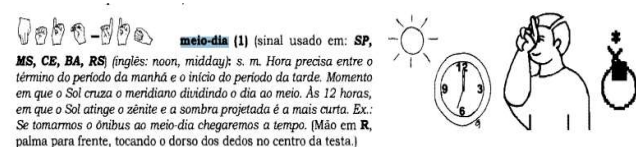
	Verbete : Meio dia Gênero: Masculino Aparência: jovem Expressões Faciais: olhar para cima Movimento: Retilíneo
---	---

Fonte: Gama (1875, estampa 17)

O sinal usado por Gama tenta reproduzir a localização do sol no horário demarcado. Na legenda simples, o autor descreve o movimento do sol, que sai. A mão aberta na altura do queixo deve se movimentar para o alto, mantendo o mesmo formato enquanto o olhar segue a direção da mão em movimento.

Em Capovilla (2017):

Figura 11. Advérbio no dicionário Capovilla.

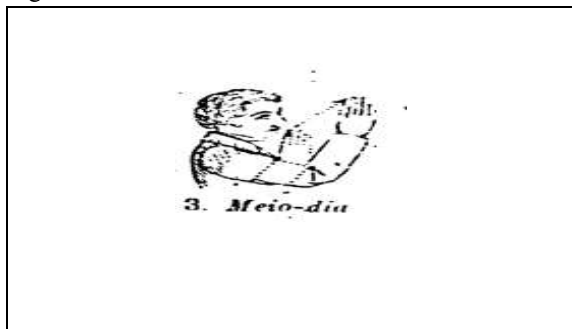
	Verbete: meio dia Gênero: masculino Aparência: jovem Expressões Faciais: olhar para cima Movimento: sem movimento
---	--

Fonte: Capovilla (2017, p. 148)

Capovilla trata o sinal de meio-dia com uma configuração em R, o sinal toca o meio da testa fazendo alusão os ponteiros do relógio juntos quando se dá o horário de 12h, além de trazer uma explicação em português dos sentidos aplicados a esse sinal.

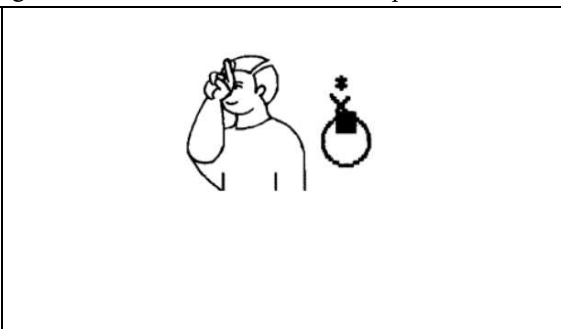
Comparativamente temos:

Figura 12. Advérbio no dicionário Gama



Fonte: Gama (1875, estampa 17)

Figura 13. Advérbio no dicionário Capovilla



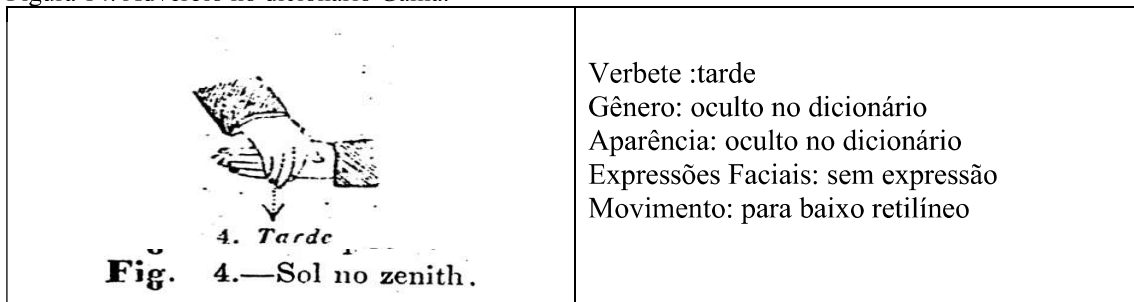
Fonte: Capovilla (2017, p.1481)

Os sinais demonstram diferenças em seus aspectos, a mudança aqui encontrada é notória. A motivação dos sinais possui diferenças culturais, como podemos observar na figura produzida por Gama (1875): acreditamos que o sinal faz menção ao posicionamento solar. As pessoas poderiam se orientar em relação ao tempo pelo posicionamento do sol.

Capovilla (2017) catalogou o sinal usado pela comunidade surda como os ponteiros do relógio juntos no momento do dia que denominamos meio dia atualmente. Assim percebemos que o sinal usado no dicionário de Capovilla (2017) substituiu o sinal que Gama (1975) indicava para esse verbete. Novamente temos um caso de mudança.

Passamos agora a analisar o verbete “Tarde” nas duas obras:

Figura 14. Advérbio no dicionário Gama.



Fonte: Gama (1875, estampa 17)

Com a legenda sol no zenith (momento em que o sol está acima da cabeça do observador), Gama cataloga o sinal sem expressões faciais em um movimento que, conforme a seta utilizada, a mão deve passar pela outra na direção para baixo.

Partimos para Capovilla (2017):

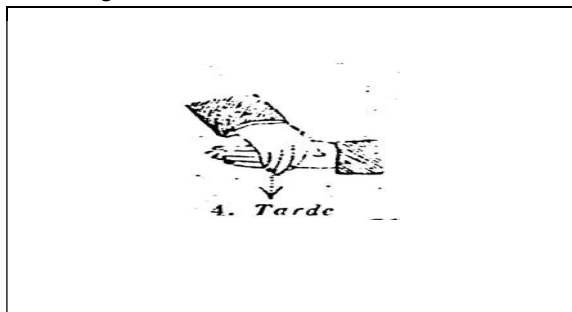
Figura 15. Advérbio no dicionário Capovilla.



Fonte: Capovilla (2017, p. 2084)

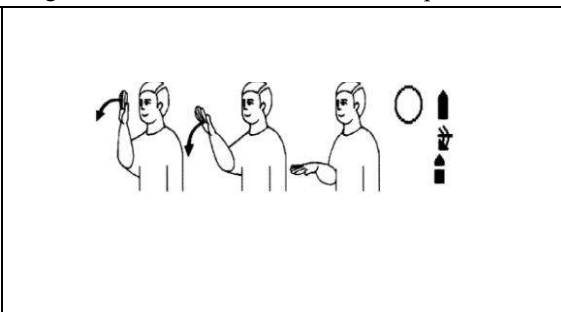
A referência para o sinal está relacionada ao movimento do sol para o poente, no entanto, a forma da mão não faz alusão icônica do sol. O dicionário descreve que o sinal deve ser espalmado para frente com movimento de cima virando a palma da mão para baixo. Vejamos comparativamente:

Figura 16. Advérbio no dicionário Gama



Fonte: Gama (1875, estampa 17)

Figura 17. Advérbio no dicionário Capovilla



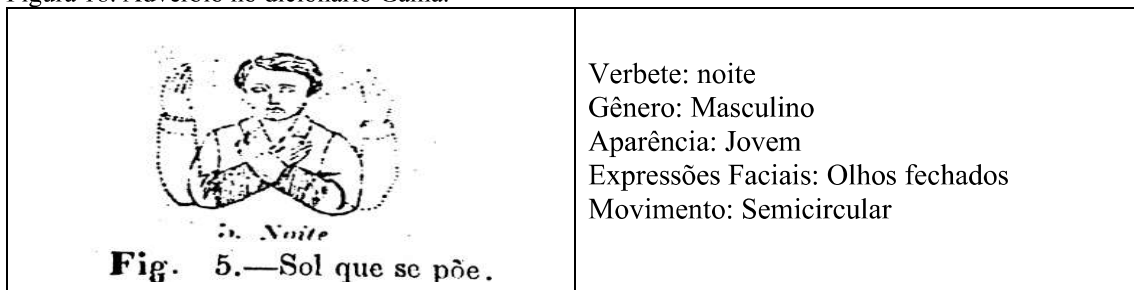
Fonte: Capovilla (2017, p.2084)

O sinal descrito por Gama não possui uma clareza para o movimento, então ficamos sem um entendimento da direcionalidade no movimento. Como nos faltam informações do contexto da época em que o sinal era usado pela comunidade, trata-se apenas de hipóteses. É interessante perceber que este sinal nos dias atuais não é usado para o período que Gama atribui no dicionário, mas nos remete ao sinal de “noite” hoje, conforme veremos mais à frente.

O sinal catalogado por Capovilla (2017) nos mostra que não há igualdade nos sinais, portanto ocorreu neste sinal uma mudança no decorrer do tempo.

Para nossa análise, veremos o verbete Noite:

Figura 18. Advérbio no dicionário Gama.

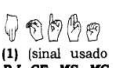


Fonte: Gama (1875, estampa 17)

O dicionário em sua legenda afirma que a figura remete ao pôr do sol, voltamos aqui a lembrar o sinal de dia que é o oposto desta imagem no movimento, no sinal dia. Há aqui uma iconicidade corporal ao ato de dormir.

Veremos como o sinal é reproduzido no dicionário de Capovilla(2017):

Figura 19: Advérbio no dicionário Capovilla.

 noite (1) (sinal usado em: SP, RJ, CE, MS, MG, DF, PR, SC, BA) (inglês: <i>night, nighttime, evening</i>; s. f. Período entre as 18:00 horas - ocasião em que o Sol normalmente passa a estar abaixo do horizonte e em que finda o dia legal - e as 6:00 horas do dia seguinte. Ex.: Esta noite será a mais fria do inverno. (Mão esquerda aberta, palma para baixo, dedos apontando para a direita; mão direita aberta, palma para baixo, palma dos dedos tocando o dorso da mão esquerda. Mover a mão direita para frente, encobrindo a lateral do dedo mínimo esquerdo.) <i>Figura 19. Fonte: Capovilla (2017, p.1586)</i>	Verbetes: noite Gênero: masculino Aparência: Jovem Expressões Faciais: olhos fechados Movimento: semi-circular
---	---

Fonte: Capovilla (2017, p.1586).

O dicionário em sua disposição traz imagem que se refere à noite, contém exemplos de uso na língua portuguesa e ensina a execução do sinal tanto pela escrita como pela imagem.

Figura 20. Advérbio no dicionário Gama



Fonte: Gama (1875, estampa 17)

Figura 21. Advérbio no dicionário Capovilla



Fonte: Capovilla (2017, p.1586)

Comparativamente, o verbete catalogado por Gama (1875) não possui mais significado nos dias atuais. Como pode ser observado no dicionário de Capovilla (2017), houve uma mudança nessa entrada lexical. O sinal de “Tarde” no dicionário de Gama (1875) como observado na análise anterior possui as mesmas características para o sinal de noite que usamos nos dias atuais. Essa mudança pode ter acontecido devido a outra entrada do sinal tarde como em Capovilla (2017), por possuir uma visualidade no sinal como o sol próximo a se pôr no horizonte, ou mesmo o sol fazendo movimento para poente, essa visão para os surdos da época como nos dias atuais faz mais sentido do que o sinal catalogado por Gama (1875). Assim, da mesma forma, o sinal grafado por Gama (1875) produz visualmente a lembrança do momento em que o sol sai do campo visual dando início ao período noturno, a comunidade surda brasileira em suas experiências visuais em uníssono, partem para o uso do sinal que hoje é designado como noite.

Passamos agora a verificar o verbete “Ontem” nos dicionários:

Figura 20. Advérbio no dicionário Gama.

 6. Hontem	Verbetes: ontem Gênero: masculino Aparência: Adulta Expressões Faciais: neutra Movimento: semicircular para trás dos ombros
---	--

Fonte: Gama (1875, estampa 17)

O sinal é executado com o dedo polegar levantado e os outros dedos fechados. O movimento de apontamento é para trás na altura dos ombros. Nesta imagem, o autor não colocou nenhuma legenda explicativa do sinal. Vejamos o mesmo sinal por Capovilla (2017):

Figura 21. Advérbio no dicionário Capovilla.

1630

ontem (1)
(sinal usado em: SP, RJ, MS, DF, PR, SC, CE, BA, RS)
English: yesterday, on the day before today; adv. tempo. No dia anterior ao de hoje. Ex: Ontem havia muito serviço acumulado e trabalhamos até mais tarde. (Mão em L, palma para baixo, indicador para frente, ponta do polegar tocando a bochecha direita. Girar a mão no sentido anti-horário, apontando o indicador para trás.)
Etimologia. Morfologia: Trata-se de sinal formado pelo morfema *Passado - Antes no tempo* codificado pelo movimento para trás, como nos sinais *PASSADO* e *ANTIGO*, ou pelo movimento circular no sentido anti-horário, como nos sinais *ANTEONTEM*, e *ANTECIPIAR*. **Iconicidade:** No sinal *ONTEM* o sinalizador começa com a mão em L, palma para baixo, indicador para frente, e ponta do polegar tocando a bochecha direita. Então, ele gira a mão no sentido anti-horário até que o dedo indicador aponte para trás, como a representar a ideia de que algo ficou para trás no tempo.

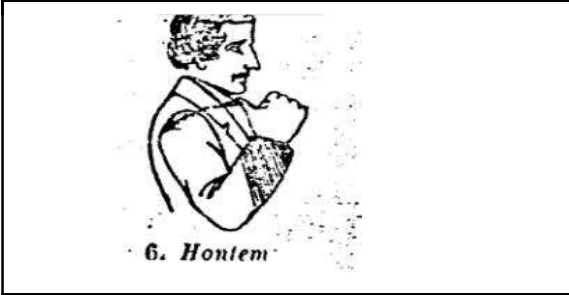
Dom	Seg	Ter	Qua
X	X	X	X
14	15	16	17

Verbetes: Ontem
Gênero: Masculino
Aparência: Jovem
Expressões Faciais: sem expressão
Movimento: Semicircular

Fonte: Capovilla (2017, p.1630)

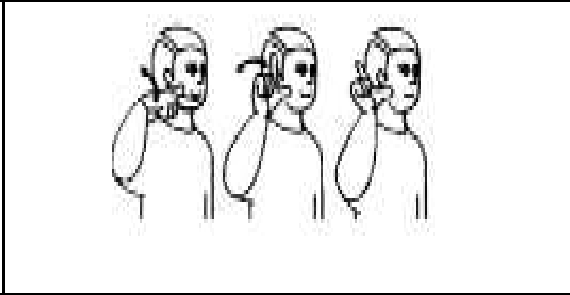
O sinal é produzido no rosto e tem movimento para trás. No dicionário, Capovilla explica que o sinal tem as mesmas intenções de denotar passado e antigo. Alguns exemplos são dados na língua portuguesa. Vejamos comparativamente:

Figura 21: Advérbio no dicionário Gama



Fonte: Gama (1875, estampa 17)

Figura 22: Advérbio no dicionário Capovilla



Fonte: Capovilla (2017, p.1630)

O sinal passou por mudança visível na forma que a mão fica. Em Gama (1875), a mão não toca o mesmo lugar como em Capovilla (2017), no entanto, ambos concordam no direcionamento para detonar o tempo passado, seus movimentos são lançados para trás, acima dos ombros.

O próximo verbete será “Hoje”:

Figura 22. Advérbio no dicionário Gama.

 Fig. 7.—Ajuntar o signal de <i>presente</i>, ou de <i>agora</i>.	Verbetes: hoje Gênero: masculino Aparência: jovem Expressões Faciais: sem expressão Movimento: Semicircular
---	---

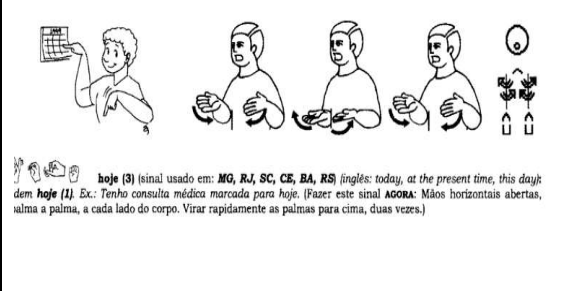
Fonte: Gama (1875, estampa 17)

O sinal catalogado por Gama (1875) faz alusão ao movimento que o sol percorre de um lado para o outro. Na legenda, o autor indica que o sinalizante junte o sinal de

presente ou de agora, no entanto, a Estampa em que se localiza este sinal de hoje não dispõe dos sinais que precedem ao que Gama (1875) reproduz no dicionário.

Vejamos agora como o sinal está grafado em Capovilla (2017):

Figura 23. Advérbio no dicionário Capovilla.

	Verbetes: hoje Gênero: masculino Aparência: jovem Expressão Facial: de boca aberta Movimento: Semicircular
---	---

Fonte: Capovilla (2017, p.1210)

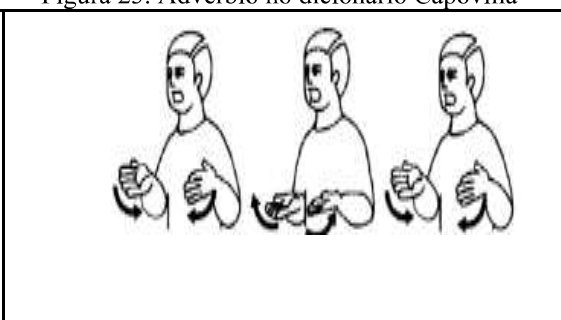
O dicionário Capovilla (2017) reproduz o sinal com expressão facial que pode denotar uma urgência no sinal e também dispõe de orientação de como proceder ao realizar o sinal, detalhando o movimento e a forma como as mãos devem ficar. Vejamos agora comparativamente os sinais:

Figura 24. Advérbio no dicionário Gama



Fonte: Gama (1875, estampa 17)

Figura 25. Advérbio no dicionário Capovilla



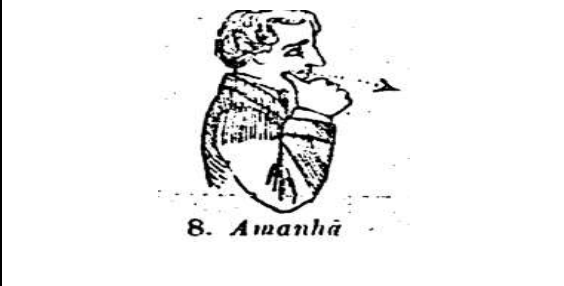
Fonte: Capovilla (2017, p.1210)

O sinal que Gama (1875) usa no dicionário não é o mesmo que Capovilla (2017) registra. Hoje o que Gama (1875) usou ganhou um novo sentido e pode ser interpretado como o sinal de Dia, como vimos no verbete acima.

Acreditamos que, na iconicidade do movimento produzido no sinal grafado por Gama, visualmente nos transmite a ideia temporal de um dia completo, no entanto há uma semelhança no sinal de hoje catalogado por Capovilla (2017) no sinal da língua francesa, podemos então presenciar possivelmente uma mudança nessa entrada lexical como empréstimo linguístico no mesmo espaço-tempo.

Como último verbete estudaremos o sinal de Amanhã:

Figura 24. Advérbio no dicionário Gama.

	Verbetes: amanhã Gênero: masculino Aparência: jovem Expressão Facial: sem expressão Movimento: Semicircular
---	--

Fonte: Gama (1875, estampa 17)

Neste sinal a mão fica com o dedo polegar levantado, os outros dedos ficam fechados, o polegar passa pelo rosto em direção à frente do sinalizador, conforme a seta desenhada indica. Gama (1875) não dispôs de legendar a imagem.

Já em Capovilla (2017) o mesmo verbete é assim representado:

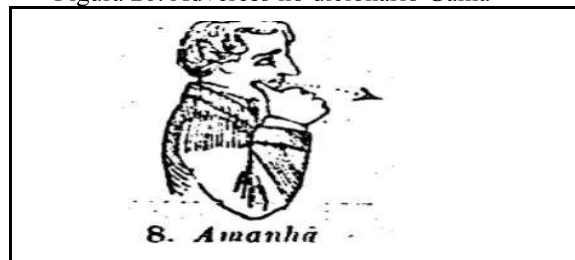
Figura 25. Advérbio no dicionário Capovilla.

 amanhã (sinal usado em: SP, RJ, MS, MG, DF, PR, SC, CE, PB, BA, RS) (inglês: tomorrow); adv. tempo. No dia seguinte ao de hoje. Ex.: Amanhã haverá aula até às 11:00h. s. m. O dia de amanhã. O futuro. Ex.: O amanhã pertence a Deus. (Mão vertical aberta, palma para a esquerda. Passar a ponta do dedo médio no lado direito da testa, e mover a mão para cima e para a direita, curvando o dedo.)	Verbetes : amanhã Gênero: masculino Aparência: jovem Expressão Facial: sem expressão Movimento: semi-circular
---	--

Fonte: Capovilla (2017, p235).

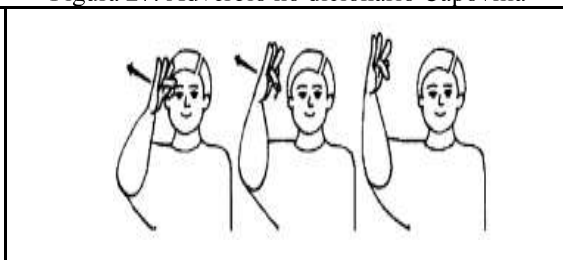
O sinal catalogado por Capovilla (2017) tem contato com o dedo médio rosto na parte da têmpora, há uma orientação de procedimento para realização do sinal, além de exemplos na língua portuguesa. Vejamos as comparações:

Figura 26. Advérbio no dicionário Gama



Fonte: Gama (1875, estampa 17)

Figura 27. Advérbio no dicionário Capovilla



Fonte: Capovilla (2017, p235)

O sinal de amanhã grafados por Gama (1875) não é o mesmo que usamos atualmente como registrado por Capovilla (2017), indicando que houve uma mudança no sinal ao longo do tempo.

Em resumo, verificamos ao longo desse estudo uma grande mudança nas entradas lexicais na Libras. No período de Gama (1875), havia uma forte influência da língua francesa de sinais, comprovado pelos usos atuais de alguns desses sinais. Como ocorre com toda língua, o tempo, as circunstâncias são fatores que modificam a língua pelo uso de seus falantes.

Na obra de Gama (1875), todas as 8 entradas lexicais que chamamos de sinais analisadas na categoria advérbio não teve continuidade pela comunidade surda que veio após sua geração. Isso pode indicar que, ao chegar no Brasil, é provável a existência de uma língua em desenvolvimento. Assim, os sinais usados nesse período foram usados a princípio, mas, com o tempo, substituídos naturalmente.

Constatamos a cultura proeminente na época de Gama nas vestimentas e estilos de cabelos dos personagens desenhadas com intuito de que o surdo da época se encontrasse no dicionário.

O movimento diacrônico da Libras apurado neste trabalho reafirma a capacidade humana como ser de linguagem. A obra que usamos para a comparação em todo momento em suas legendas instrui o leitor a executar os sinais com as mãos que consideram ser o certo a fazer. Além de usar os sinais desenhados, também mostra a forma na escrita de sinais. No entanto, é verificado empiricamente que a língua de sinais está associada às mãos de quem a faz e aos olhos de quem o compreende, tornando uma relação estreita e flexível da língua ao sujeito e aos seus interlocutores.

Temos um quadro evolutivo na língua de sinais que denota que nossa língua ganha força e plasticidade. A comunidade surda que envolve ouvintes e surdos e surdas foram responsáveis pelas mudanças linguísticas, e o fato de haver um dicionário para época não assegurou que os verbetes sinalizados permanecessem os mesmos até os dias de hoje.

Ambos os dicionários mostram as preocupações dos seus autores concernentes ao entendimento do movimento do sinal com uso de setas para demonstrar para que lado deve ser feito o sinal. A produção de um dicionário de Libras por parte de Gama (1875) tem um grande valor memorial para Libras. Com esta obra, podemos ver o início da dicionarização da Libras e consequentemente a disseminação dos primeiros sinais aqui usados no Brasil. Já o dicionário Capovilla (2017) nos traz a escrita da língua de sinais mostrando assim uma evolução no campo lexicográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos como objetivo analisar a variação diacrônica ocorrida nos sinais na categoria advérbios de tempo no dicionário de Gama (1875), trouxemos para essa comparação documental elementos que corresponderam lexicalmente aos sinais atuais no dicionário de Capovilla (2017), assim para essa demanda escolhemos oito sinais sendo estes: dia, manhã, meio-dia, tarde, noite, ontem, hoje e amanhã.

Depois de desenvolver uma análise mais profunda sobre oito advérbios ao longo do tempo, encontramos as seguintes respostas: a primeira é que o processo diacrônico ocorreu naturalmente. Os sinais escolhidos modificaram-se no sentido de não mais serem usados, ganharam uma nova forma em seus aspectos visuais, dentre eles o sinal de tarde, que ganhou um novo significado, permanecendo nos verbetes atuais, mantendo as características anteriores, mas seu uso está designado para o sinal noite.

A segunda é o que efetivamente mudou nesse tempo foi que a Libras, aos poucos, foi se despidendo dos sinais trazidos pelo professor francês E. Huet e reproduzido por Gama (1875). Acredita-se que isso ocorreu porque os usuários da Libras já carregavam suas experiências visuais e adaptaram para suas realidades os sinais aprendidos.

Os impactos que isso têm para a Libras e para a comunidade surda brasileira são profundos e significativos, pois refletem mais do que uma evolução dos sinais analisados, são marcadores de uma evolução cultural, mais do que apenas mudanças linguísticas.

A ocorrência dessa mudança diacrônica na Libras sugere um aprimoramento autêntico da língua e um fortalecimento de bases identitárias e culturais por parte da pessoa surda.

Estudos como esses também valorizam as raízes linguísticas da Libras, por isso são essenciais para documentar e preservar a história da Libras como língua evolutiva, mostrando que a pessoa surda é resiliente e criativa, capaz de adaptar a língua para suas necessidades efetivas condizentes com sua realidade.

Dessa forma, nas palavras de Gama (1875), nosso trabalho visa “vulgarizar a linguagem de sinais...” uma tradução para nossos dias difundir a língua de sinais, que com certeza já tem ganhado espaço na nossa sociedade.

Dentro da nossa pesquisa encontramos limitação neste texto por conta do espaço e do tempo, mas se espera que ele dê abertura para outros trabalhos, num futuro, que discutisse a iconicidade corporal, pois percebemos uma forte influência cultural ligada à estruturação do pensamento icônico dos surdos da época e espaços mentais, uma vez que não nos foi possível descrever isto aqui.

Assim esperamos que nosso trabalho possa futuramente apoiar mais pesquisas na área da linguística da Libras, que sirva de incentivo para novos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, M.T.C. **A ciência da Lexicografia**. Alfa, São Paulo, 28(supl.):1-26, 1984.
- CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D., MARTINS, A. C., & TEMOTEO, J. G. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a libras em suas mãos**. São Paulo: EDUSP. 2017
- GAMA, F. J. da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.
- GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e a realidade surda**. São Paulo: São Paulo Editora Parábola: 2009.
- LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MARTINS, A. C. **Lexicografia, metalexicografia e natureza da iconicidade da Língua de Sinais Brasileira (Libras)** São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017. Tese de Doutorado em Psicologia Experimental. [acesso 2024-03-30].
- MARTINS. A, C, CAPOVILA. F. C. **Metalexicografia Comparativa em Seis Dicionários de Línguas de Sinais de Diferentes Eras: análise preliminar**. Revista (Con) Textos Linguísticos, v. 12 n. 21 (2018) PPGEL-UFES.
- QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. ArtMed: Porto Alegre, 2004. P. 127 á 212.
- SOESCOLA. **Diacrônico – O que é, significado**. Disponível em: https://resumos.soescola.com/glossario/diacronico-o-que-esignificado/#google_vignette. Acesso em: 12 de mar. 2024.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021. p. 320-378.
- SOFIATO, C. G., REILY, L. H.. **Justaposições: o primeiro dicionário brasileiro de língua de sinais e a obra francesa que serviu de matriz**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 18, n. 4, p. 569-586, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000400003>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- REIS, V.P.F. **A criança surda e seu mundo: o estado da arte, as políticas e as intervenções necessárias**. Dissertação de mestrado. UFES, 1992